

Glossário

Acetato de Polivinil - Adesivo resistente, flexível, de secagem rápida, não reversível, difícil de remover, usado em reparações de embalagens, álbuns e estojos de fotografias. Não deve ser usado para efectuar reparações em provas fotográficas por ser irreversível. Adicionado a cola de amido ou metilcelulose produz uma mistura mais facilmente reversível.

Acetobutirato de celulose Plástico, utilizado como suporte de película rígida, filme de artes gráficas, filme para fotografia aérea e filme de raio-X. Foi introduzido no mercado em 1935. Apresenta boa estabilidade dimensional. Tem a vantagem de ser solúvel em solventes não tóxicos, sendo por isso usado em artes gráficas, onde é frequente dissolver-se o suporte para montar a emulsão sobre outras imagens.

Acetopropionato de Celulose Plástico usado como suporte de película de cinema amador. Foi introduzido no mercado em 1931.

Ácido Composto químico com pH inferior a 7,0. Os Ácidos deterioram o papel e outras substâncias orgânicas porque quebram as ligações moleculares. O papel torna-se amarelo e quebradiço.

Acoplador de cor Substância que gera um corante por reacção química com outra substância. Os acopladores de cor são usados nos processos fotográficos cromogénios. Podem ser incorporados na emulsão ou nos banhos de revelação. São invisíveis e reagem com os produtos químicos resultantes da revelação dos sais de prata, formando cor na proporção da quantidade de prata revelada. Exemplos de filmes que usam acopladores de cor na emulsão: Ektachrome, Fugichrome, Agfachrome, Kodacolor, Fugicolor, Agfacolor; exemplo de filme que usa acopladores de cor nos banhos de revelação: Kodachrome.

Agente Eliminador de Hipossulfito Banho que transforma o hipossulfito de sódio (fixador) em sais facilmente solúveis em água, reduzindo o tempo de lavagem e contribuindo para a eliminação do hipossulfito das provas. O sulfito de sódio é usado vulgarmente como auxiliar de lavagem. A Kodak tem um auxiliar de lavagem chamado Kodak Hypoclearing Agent e a Ilford produz o Ilfobrom Archival Wash Aid.

Albumina Mistura de proteínas constituintes da clara do ovo. Foi usada no século XIX como meio ligante da prata nas provas fotográficas em papel designadas de albuminas. Foi também usada com o mesmo fim em negativos de vidro. Material pouco estável, a albumina é fonte de numerosos problemas em conservação fotográfica. Tem tendência para amarelecer com a humidade, com a luz e em contacto de cationes ácidos. A albumina tem uma forte tendência para reagir com os iões de prata e com o enxofre, formando sulfureto de prata, substância amarela que provoca manchas na imagem. A albumina contrai e expande com as flutuações da humidade relativa do ar, acabando por se tornar quebradiça e abrindo pequenas rachas à superfície da imagem.

Ambrótipo Processo introduzido em 1852 por Frederick Scott Archer e que se tornou muito popular para fotografia de retrato. A imagem era um negativo em colódio húmido, subexposto, colocado sobre um fundo preto, que invertia a imagem, dando a ilusão de imagem positiva e com relevo. Alguns ambrótipos eram coloridos, sobretudo nos lábios e face do retratado. Era geralmente apresentado dentro de um estojo de cabedal ou plástico. Foi usado de 1853 a finais dos anos 80. É também designado por positivo em colódio.

Ampliação Processo de impressão fotográfica em que a imagem do negativo é projectada sobre o papel fotográfico, através de uma objectiva, com aumento dimensional da imagem. A palavra ampliação também designa a prova fotográfica feita por este processo.

Anidro Substância isenta de água.

Arquivável Termo impreciso, muito frequente no meio da conservação, que refere materiais tidos como permanentes, quimicamente inertes e de boa qualidade.

Autocrome Primeiro processo prático de fotografia a cor, inventado em 1903 por Auguste e Louis Lumière. As chapas de vidro dos autocromes, fabricadas pela firma Lumière, foram comercializadas de 1907 até aos anos de 1930. O processo consistia no seguinte: Minúsculos grãos de amido de batata eram corados de verde, violeta ou encarnado-laranja e misturados numa proporção tal que a mistura apresentava uma cor neutra. Eram depois espalhados sobre uma chapa de vidro e submetidos a alta pressão, para formarem uma camada muito fina, uniforme, transparente, com a espessura de um só grão. Pó de carvão era então espalhado sobre os grãos de amido, para tapar os poros e impedir a passagem de luz branca. Os grãos de amido eram depois cobertos com emulsão pancromática e expostos numa máquina fotográfica, com a emulsão por trás do vidro e dos grãos de amido. A luz atravessava primeiro o vidro, depois os grãos coloridos e finalmente registava, na emulsão, uma imagem a preto e branco contendo toda a informação cromática da cena fotografada. A chapa era revelada por um processo reversível, formando uma imagem a preto e branco positiva. A imagem final a cor, resultava da sobreposição de um positivo transparente a preto e branco com o écran colorido. Tinha um aspecto granuloso, apresentando cores suaves. Os pequenos pontos coloridos não eram resolvíveis a olho nu e as três cores misturavam-se perfeitamente dando a aparência das cores reais. O processo apresenta excelente estabilidade.

Base Substância com pH superior a 7.0.

Bibliotecário Arquivista Responsável pela identificação, classificação, numeração e ordenação das espécies da colecção. Tem a seu cargo o acesso às espécies e sua arrumação.

Branqueamento Reacção química que faz desaparecer a imagem de um negativo ou prova fotográfica. Converte a prata metálica de uma imagem fotográfica a preto e branco num sal da prata invisível, que pode ser um brometo, um iodeto ou um cloreto de prata, ou um sal mais complexo de crómio ou ferro. O branqueamento é usado em viragens, em reacções de intensificação, em processos fotográficos reversíveis e em certos processos de impressão que requerem a formação de uma imagem de gelatina em relevo, como o bromóleo e o carvão-brometo. Exemplos de branqueadores usados em fotografia: solução de ferricianeto de potássio e brometo de potássio; solução de dicromato de potássio e ácido clorídrico. O branqueamento é também usado em processos fotográficos a cor, para remover a prata da imagem.

Cabinet Refere um formato de impressão de retratos, muito em voga no século XIX. As dimensões da prova eram 140mm X 105mm, geralmente albuminas ou outros papeis directos, coladas em cartões de formato 165mm X 108mm. O cartão tinha frequentemente o nome do fotógrafo na frente ou no verso. Introduzido em 1866 por F. R. Window, este tipo de apresentação de fotografias foi popular até ao fim do século XIX.

Calótipo Processo fotográfico negativo, com suporte em papel, inventado por Talbot em 1841. Foi o primeiro processo fotográfico a utilizar o sistema negativo - positivo. O papel era sensibilizado com nitrato de prata e depois mergulhado em iodeto de potássio, formando-se iodeto de prata, muito sensível à luz. Era depois exposto e revelado em ácido pirogálico e nitrato de prata, fixado e lavado. Depois de secos, os negativos eram impregnados de óleo ou cera para aumentar a sua transparência e facilitar a exposição do positivo. O negativo apresenta uma cor castanha a preta. Os positivos eram impressos em papel salgado. As provas impressas a partir de calótipos apresentam grande suavidade de tons, nitidez moderada e aparência granular devido às fibras do papel do negativo. Foi usado em retrato, arquitetura e paisagem, mas o seu uso foi restringido por direitos de autor.

Camada de Barita Camada de sulfato de bário e gelatina, que reveste o papel fotográfico, e sobre a qual assenta a emulsão. Foi usada a partir de 1880 no fabrico de papéis directos de gelatina e de colódio e continuou a ser usada até hoje nos papéis fotográficos não plastificados. Serve para produzir uma superfície mais macia, aumentar o poder reflectivo do papel (porque branca) e dar à emulsão uma base inerte, isolando-a quimicamente das fibras do papel. O sulfato de bário é um pó branco, de peso elevado, insolúvel na água e no álcool. Era aplicado em três ou quatro camadas sobre o papel, sendo cada uma delas calandrada, formando-se assim a base polida e brilhante, tão característica de certas imagens em papel directo.

Cartão Prancha formada por várias camadas de papel coladas. Encontram-se no mercado inúmeras variedades de cartões, desde cartões de baixa qualidade até aos cartões de fibra de algodão, de trapo ou de pasta de papel purificada. Apenas estes três últimos tipos oferecem as qualidades necessárias para serem usados como material de arquivo de fotografias.

Cartões-de-visita Refere um formato de impressão de retratos muito em voga no século XIX, criado por Disderi em finais da década de 1850. As provas em albumina, gelatina ou carvão eram coladas em cartões com as dimensões 108mm X 63mm, ornamentados frequentemente com dourados e contendo o nome e morada do fotógrafo.

Celulose Complexo de hidratos e carbono, componente principal das células das plantas e da madeira. Componente principal do papel.

Chapa seca Designação geral para os negativos em vidro que não precisam de ser sensibilizados e processados no momento da exposição.

Chapa Seca de Gelatina Processo fotográfico inventado por Maddox em 1871, produzido inicialmente em suporte de vidro e mais tarde em película. Comercializado a partir de 1874 em Inglaterra e a partir de 1880 nos EUA. As chapas de gelatina são muito mais sensíveis à luz do que as chapas de colódio. As chapas eram produzidas industrialmente e vendidas já sensibilizadas e prontas a serem expostas. Podiam ser reveladas dias ou meses depois da exposição. Por isso o fotógrafo não tinha que transportar para o local a fotografar nem uma tenda câmara-escura nem os produtos químicos para sensibilização e processamento das chapas. O processo fotográfico tornou-se mais fácil, mais prático e acessível a amadores. As chapas de colódio húmido foram rapidamente suplantadas pelas chapas secas de gelatina. A emulsão era composta por gelatina e sais de brometo de prata. O processo teve vários aperfeiçoamentos nos anos de 1870 e 80 no sentido de estender a sensibilidade espectral da emulsão a outras zonas cromáticas para além do azul. A sensibilidade espectral estendeu-se primeiro para a luz verde e depois para a luz vermelha, cobrindo assim todo o espectro visível. Este progresso deve-se essencialmente a Vogel. As chapas secas de gelatina são a base da

fotografia moderna. As chapas de gelatina distinguem-se das chapas de colódio em vários aspectos: A cor da imagem é diferente quando vista à luz reflectida (a gelatina é preta, o colódio é acastanhado); A emulsão de gelatina é mais uniforme por ser espalhada em máquinas industriais. As chapas de colódio, que eram fabricadas pelo próprio fotógrafo, apresentam irregularidades na emulsão tais como falhas nas margens, marcas dos arames e dos dedos nos cantos etc. O vidro das chapas de gelatina é geralmente mais fino. As imagens de gelatina apresentam muitas vezes, nos cantos e margens, uma cor de chumbo resultante da oxidação da prata.

Charneiras Tiras de papel fino e flexível, que seguram a prova fotográfica ao cartão de suporte. Um dos lados da charneira é colado ao cartão de suporte e o outro é colado na parte de trás da prova fotográfica, geralmente no topo. Permite levantar a fotografia e observar as costas desta. Este sistema é usado em conservação quando se pretende mostrar a totalidade da imagem sem cobrir as margens com o passepartout. (ver Flutuação). Do ponto de vista da conservação este sistema é mais apropriado do que a colagem da fotografia ao cartão de suporte porque é facilmente removível. O papel japonês é o mais frequentemente usado para as charneiras, por ser resistente, fino, quimicamente neutro e apresentar um bordo irregular que não vinca ou corta a prova. A cola de amido é a preferida, por ser resistente, facilmente removível e não manchar.

Cianotipo Processo de impressão fotográfica, inventado por Herschel em 1842. Também chamado provas azuis. Identifica-se facilmente pela sua cor azul e pela superfície mate da imagem. Foi usado principalmente no final do século XIX e princípio do século XX. A imagem é constituída por ferrocianeto férrico (azul da Prússia), depositado directamente sobre as fibras do papel, sem qualquer meio ligante. O material fotossensível é à base de sais de ferro, nomeadamente citrato férrico amoniacal e ferrocianeto de potássio. O papel era exposto à luz solar em contacto com o negativo. Por acção da luz os sais férricos passam a sais ferrosos, formando-se uma imagem cor azul pálida, sem necessitar revelação, que depois de seca escurece até um azul vivo. Na lavagem removem-se os sais não expostos. Os cianotipos são imagens bastante estáveis, que podem perder o vigor e enfraquecer quando expostas à luz. Os sais de ferro são vulneráveis a materiais alcalinos. As formas de deterioração mais correntes são o aparecimento de manchas, o amarelecimento e o enfraquecimento do papel de suporte. Devem ser conservados no escuro e em embalagens não alcalinas.

Cola de Amido Adesivo vegetal à base de amido, usado em conservação por ser facilmente removível com água e muito estável quimicamente. As colas de amido são bastante fortes, de secagem lenta, flexíveis quando aplicadas em camadas finas e são por excelência as colas usadas em conservação de papel e fotografia. Apresentam os inconvenientes de esticarem o papel, serem de preparação laboriosa requerendo cozedura e azedarem rapidamente. Os amidos mais usados são o de trigo, milho e arroz. Encontram-se no mercado colas de amido pré-cozidas, de fácil preparação.

Cola de Origem Animal Adesivo à base de proteínas animais.

Colecção Um grupo de fotografias, manuscritos ou papéis, reunido artificialmente com um objectivo ou intenção. Uma colecção pode também ser formada artificialmente através da acumulação de materiais relativos ao mesmo acontecimento, época ou assunto.

Colódio Fluido viscoso e transparente usado como meio ligante dos sais de prata em vários processos fotográficos, entre os quais o processo do colódio húmido. O colódio é feito a partir de piroxilina ou algodão pólvora (combinação da celulose com uma mistura de ácido nítrico e

sulfúrico), por dissolução da piroxilina numa solução de partes iguais de álcool e éter. O colódio foi descoberto em 1889 e chamou a atenção dos fotógrafos por produzir uma película fina e transparente quando seco. O colódio puro e seco não é muito flexível ou permeável à água. Quando usado nas provas em papel colodionado, era misturado com agentes plastificantes, como o óleo de castor ou a glicerina, para lhe aumentar a flexibilidade. O colódio pode tornar-se quebradiço por perda destes agentes plastificantes, abrindo rachas capilares. Não incha em presença da água, sendo este um processo de identificação do colódio. Risca-se facilmente e raramente amarelece.

Colódio Húmido Processo fotográfico negativo em vidro, introduzido por Frederic Scott Archer em 1851. Foi o processo mais utilizado até 1875. A chapa era coberta com uma solução de colódio e iodeto de cádmio e enquanto húmida era imersa numa solução de nitrato de prata. Após um ou dois minutos a chapa era colocada no chassis e exposta numa máquina fotográfica durante alguns segundos ou minutos. Imediatamente após a exposição a chapa era revelada em ácido pirogálico ou em sulfato ferroso, lavada, fixada em hipossulfito de sódio, lavada de novo e posta a secar. Todo o processo tinha que decorrer enquanto o colódio estava húmido, porque quando seco o colódio não é permeável ao revelador, nem ao fixador. Os fotógrafos eram obrigados a transportar consigo uma câmara escura para onde quer que fossem, e executavam todas as operações no local. As câmaras escuras portáteis tornaram-se características deste processo. As chapas de colódio apresentam uma cor esbranquiçada e uma distribuição de colódio irregular, especialmente nos bordos.

Colotipo Processo de impressão fotomecânico, patenteado por Poitevin em 1855 e aperfeiçoado e comercializado por Joseph Albert em 1868. A principal vantagem do colótipo é a de reproduzir detalhes e pormenores com grande definição. Apresenta uma reticulação fina e irregular e reproduz texturas sem que a reticulação interfira na textura da imagem. Foi usado durante o século XIX na ilustração de livros e na impressão de postais ilustrados. A imagem do colotipo não desaparece nem enfraquece mas o papel de suporte amarelece. Os colótipos identificam-se pela fina reticulação, visível com auxílio de uma lupa, mas não perceptível à vista desarmada. A superfície pode ter um acabamento mate ou brilhante. Ao contrário das fotogluptias, os colótipos podem ser impressos com margem, tornando mais fácil a sua utilização em livro. O processo foi abandonado depois do aparecimento do offset. A matriz para impressão de colótipos consistia num vidro coberto com uma camada de gelatina bicromatada, previamente reticulada num forno; a matriz era exposta à luz em contacto com um negativo e a gelatina endurecia selectivamente nas zonas mais iluminadas; a matriz era depois lavada para remover o dicromato de potássio e tratada com uma solução de glicerina que a tornava higroscópica nas zonas menos endurecidas; depois era coberta de tinta litográfica gordurosa, que aderiria às zonas não endurecidas (sombras e meios tons) e era repelida pelas zonas molhadas (altas luzes); a imagem era impressa em papel numa prensa. De cada matriz podiam ser impressas mais de 2000 imagens. Outra designação corrente para os colótipos é de fotótipos.

Conservação de Fotografia Acção de estabilizar e evitar ou retardar a deterioração de imagens fotográficas. Os aspectos fundamentais da preservação são o controle do ambiente, o controle do manuseamento e uso das imagens, a utilização de embalagens adequadas e alguns tratamentos estruturais que mantenham as espécies fotográficas num estado inalterável.

Contaminação ácida Transferência ácida, de um cartão ou papel ácido para outro material menos ácido, quando os dois são conservados em contacto. O material receptor do ácido tem tendência para manchar e enfraquecer. As migrações ácidas ocorrem quando provas

fotográficas são guardadas em embalagens de pouca qualidade, tais como certas caixas de cartão, cartões de passepartout ou envelopes de papel e glassine.

Contraste Diferença entre a máxima e a mínima densidade de uma imagem fotográfica. Pode referir também a diferença de luminosidade de uma cena ou objecto a ser fotografado.

Cópia Reprodução de originais opacos a duas dimensões, tais como mapas, fotografias, desenhos, selos, textos ou pinturas, utilizando um processo fotográfico. Uma cópia pode ser feita em papel ou em filme, e pode ser feita directamente (utilizando materiais reversíveis) ou por meio de um negativo de cópia. Em qualquer dos casos pretende-se obter uma prova que possa ser usada em vez do original. Inúmeras razões podem motivar uma cópia. O original pode ser muito frágil e delicado não suportando manuseamento. O original pode ser demasiado grande (mapas) ou pequeno (selos) para ser manipulado. Ou pode haver necessidade de inúmeras cópias para distribuição.

Corante Composto orgânico, solúvel em água, utilizado em fotografia para dar cor. As imagens a cor contemporâneas são compostas por corantes dispersos na gelatina em três camadas (amarelo, magenta e cian). Os corantes foram também usados para pintar fotografias a preto e branco desde os primórdios da fotografia. No século XIX eram misturados com a albumina para tingir as provas em tons de rosa e azul. Ao contrário dos pigmentos que são insolúveis, os corantes são solúveis em água e são absorvidos pelas superfícies onde são aplicados. O grande problema da sua utilização reside na sua instabilidade química. Os corantes deterioram-se com a luz, com o calor e com a humidade, desaparecendo progressivamente das imagens onde são utilizados.

Corante Sensibilizador Corante que é adicionado a uma emulsão fotográfica para estender a sensibilidade espectral desta para além do azul. Geralmente o corante sensibiliza a uma cor complementar daquela que apresenta.

Cores Complementares Duas cores dizem-se complementares quando da sua sobreposição (em luz) resulta luz branca. O amarelo é a cor complementar do azul, o encarnado é complementar do cian e o verde é complementar do magenta.

Cores Primárias Conjunto de cores que quando misturadas entre si permitem formar qualquer outra cor. No processo aditivo as três cores primárias são o azul, encarnado e verde. Quando são misturadas luzes com estas três cores, em várias proporções, permitem formar todas as outras cores, incluindo a luz branca. Nos processos substractivos as três cores primárias são o amarelo, magenta e cian. Misturando pigmentos ou corantes destas três cores obtêm-se todas as restantes.

Daguerreótipo Primeiro processo fotográfico que se tornou praticável e amplamente conhecido. Inventado por Daguerre, divulgado em 1839, foi utilizado em grande escala até finais da década de 1850, início de 1860, sobretudo em retrato. Um Daguerreótipo é composto por uma placa de cobre revestida a prata, altamente polida e a imagem é formada por uma amálgama de mercúrio e prata (zonas mais claras), e por prata altamente polida (zonas mais escuras). A mesma imagem pode ser positiva ou negativa, conforme o ângulo de incidência da luz. Esta característica permite distinguir um daguerreótipo de um tintipo ou ambrótipo. Cada daguerreótipo é uma imagem única, sem negativo. Inicialmente um Daguerreótipo era feito do seguinte modo: a chapa de cobre prateada era cuidadosamente polida e sensibilizada com vapores de iodo, formando-se na superfície iodeto de prata, sensível à luz. Era exposta numa

máquina fotográfica durante 30 segundos a 10 minutos ou mais e revelada com vapores de mercúrio. O mercúrio combinava-se com a prata das zonas expostas, formando uma amálgama de cor esbranquiçada. O iodeto de prata não exposto era removido com hipossulfito de sódio. Depois de pronta a imagem era selada sob um vidro com fita de papel e goma-arábica. O processo teve vários aperfeiçoamentos ao longo do tempo no sentido de aumentar a sensibilidade à luz. Alguns daguerreótipos eram coloridos à mão e conservados dentro de um estojo. A superfície de um daguerreótipo é muito delicada, riscando-se facilmente. A imagem degrada-se rapidamente quando exposta ao ar devido à presença de agentes poluentes tais como o enxofre, devendo estar sempre protegida por um vidro e selada.

Definição Nitidez geral de uma imagem fotográfica, resultante da capacidade de resolução da objectiva e do filme. Designa também a sensação de clareza de detalhe numa fotografia.

Densidade Medida da capacidade de uma imagem fotográfica de transmitir ou reflectir mais ou menos luz. Este valor depende da densidade dos grãos de prata. As zonas mais escuras têm maior densidade. A densidade é uma medida logarítmica. Uma diferença de densidade de 1 corresponde a uma diferença de quantidade de luz transmitida ou reflectida de 10 vezes. Se a zona A do negativo transmite duas vezes mais luz do que a zona B, então a diferença de densidades entre B e A é igual a 0,3.

Desvanecimento Refere o processo de desaparecimento gradual das imagens fotográficas causado ou por deficiências no processamento, ou por condições de armazenamento impróprias ou por exposição prolongada a luz intensa. Ocorre tanto nas imagens a preto e branco como nas imagens a cor.

Desenho Fotogénico Processo de registo de imagens criado por Talbot em 1834 e divulgado em 1839. As imagens eram silhuetas de folhas, fitas, laços e outros objectos, alguns dos quais deixavam registadas por transparência a textura ou as nervuras. A imagem do desenho fotogénico era constituída por grãos de prata microscópicos assentes directamente sobre as fibras do papel. O processo começava pela imersão da folha de papel num banho de cloreto de sódio. Depois de seca a folha de papel era sensibilizada em nitrato de prata formando-se cloreto de prata. Depois o papel era exposto ao Sol numa prensa, em contacto com plantas, folhas de árvores, rendas, recortes ou outros objectos planos mais ou menos opacos. A imagem negativa de cor avermelhada formava-se directamente sem revelação. Depois a prova era fixada numa solução concentrada de cloreto de sódio, tornando-se castanha púrpura. Os desenhos fotogénicos foram os antecessores do papel salgado e da impressão pelo processo negativo-positivo.

Desvio de cor Alteração no equilíbrio de cores de uma imagem fotográfica. Pode ter origem no enfraquecimento não proporcional das três camadas de cor que compõem uma fotografia a cores. Exemplo: se a camada de magenta tiver um apagamento mais acentuado do que as camadas de amarelo e cian, a cor resultante é esverdeada.

Diacetato de Celulose Plástico, introduzido no mercado em 1924 e utilizado até ao final dos anos 30 como suporte de película de cinema amador de 16mm, e suporte de película rígida. Teve a vantagem sobre o nitrato de celulose de não ser inflamável. Apresentava alguns inconvenientes tais como menor resistência à tracção, não podendo ser utilizado no fabrico de película de cinema profissional. Tem um elevado coeficiente de absorção de humidade e de retenção de solventes. Deteriora-se quando conservado num ambiente de elevada humidade relativa. O primeiro sintoma de deterioração é a libertação de um ácido acético com cheiro a vinagre,

(chamado o síndrome do vinagre), seguido de uma redução dimensional, aparecimento de sulcos na emulsão e amarelecimento. Actualmente não é utilizado na indústria fotográfica.

Dessecante Material não volátil que absorve a humidade do ar. Utilizado para desumidificar embalagens de imagens fotográficas (armários, caixas). O dessecante mais utilizado é a sílica gel, que pode ser regenerado por aquecimento.

Diapositivo Transparência positiva a cores ou a preto e branco, em filme ou em vidro. Correntemente refere as transparências a cores. Pode também referir as imagens a preto e branco, em vidro, por vezes coloridas à mão, usadas no século XIX e primeiros anos do século XX.

Direcção das Fibras do Papel Direcção em que estão orientadas as fibras de celulose numa folha de papel. Com as variações de humidade o papel encurva numa direcção perpendicular à direcção das fibras. Geralmente só o papel feito à máquina apresenta esta propriedade.

Equilíbrio de Cor Capacidade de um filme de reproduzir as cores reais da cena fotografada. Os filmes a cores são equilibrados para reproduzir as cores correctamente quando expostos à luz do dia ou à luz de tungsténio. Também pode referir o equilíbrio de cor numa prova a cores.

Emulsão Composta por um meio ligante e o material formador da imagem que está em suspensão no meio ligante sem se dissolver. Os materiais do meio ligante usados ao longo da história da fotografia foram o colódio, a albumina e actualmente a gelatina. Os materiais formadores da imagem podem ser os halogenetos de prata (p/b) ou os corantes (cor)

Emulsão de cloreto de colódio Introduzida em 1864 por George Simpson. Foi utilizada no fabrico de papel de impressão fotográfica e diapositivos em vidro. Produz uma imagem directamente sem revelação. No fim do século XIX o papel colodionado tornou-se muito popular devido à inclusão, na emulsão, de sais de ouro capazes de provocarem a viragem a ouro directamente (denominados de auto viradores).

Encurvamento Retenção da posição de enrolado ou encarquilhado de uma prova ou filme. As provas e os filmes fotográficos têm tendência para encurvar depois de secos porque os materiais das diversas camadas têm propriedades físicas diferentes. Tratando-se de uma prova em papel não plastificado e gelatina passa-se o seguinte: a gelatina contrai e dilata muito mais do que o papel com as variações de humidade relativa do ar. A prova tem tendência para curvar para dentro em tempo seco e a curvar para fora em tempo húmido. Com a película o problema era mais grave porque o suporte é pouco permeável à água e as diferenças de dilatação e contracção entre a gelatina e o suporte eram muito maiores. As primeiras películas enrolavam e era difícil torná-las planas, o que levou os fabricantes a revestirem a parte de trás das películas com uma camada de gelatina denominada de anti curvatura.

Enrugamento Deformação física que ocorre no papel ou no plástico, consistindo na ondulação de todo o artefacto ou apenas das suas margens. Deve-se a uma alteração dimensional numa direcção, causada pela infiltração de humidade.

Escamar Deterioração de um material por libertação de pequenas escamas.

Esmaltagem Processo de secagem de provas com formação de brilho intenso na superfície da imagem. Pode ser feito a quente ou a frio. Consiste em deixar secar uma prova fotográfica em

contacto com um vidro ou uma chapa metálica altamente polida. A gelatina adquire o polimento da superfície da chapa de esmaltagem, mas regista também todos os riscos e defeitos da chapa. A esmaltagem pode também ser um acidente resultante das condições ambientais de arquivo. O contacto da gelatina com vidro ou plástico em condições de elevada humidade causam a esmaltagem parcial de uma imagem fotográfica. Acontece frequentemente nas fotografias que são emolduradas em contacto com o vidro. Acontece também quando as fotografias são guardadas empilhadas em embalagens plásticas. A pressão pode causar esmaltagem mesmo a baixa humidade relativa.

Esmaltes Processo inventado em França nos anos 1860. As fotografias em esmalte eram produzidas por transferência de uma imagem em colódio para uma placa de cobre esmaltada a branco, que era depois recozida. O colódio produzia uma imagem amarelada. O processo podia ser feito com uma prova em carvão, com tons mais escuros. Os esmaltes eram utilizados para ornamentação de objectos pessoais em joalharia e relojoaria. Também é usado para incrustação de retratos em pedras tumulares.

Espátula em Osso Instrumento feito em osso polido usado em conservação para desfazer vincos e dobras de papel bem como para vincar.

Espelho de Prata Designação de uma forma de deterioração muito vulgar das imagens fotográficas em prata filamentar gelatinada. O espelho de prata consiste no aparecimento de zonas de cor de chumbo, brilhantes, nos bordos e cantos das provas e negativos. Resulta da migração de iões de prata oxidada para a superfície da imagem e sua posterior redução a prata metálica. É mais acentuada em geral na periferia da fotografia porque é por aí que penetra a humidade.

Filme para Cópia Filme especialmente fabricado para copiar materiais fotográficos.

Filme "Safety" Filme com suporte em triacetato de celulose ou em poliéster. A designação filme "safety" significa filme que não arde e apareceu para designar os filmes que não têm nitrato de celulose como suporte.

Filme sensível ao azul Filme com uma emulsão sensível apenas às radiações ultravioletas e à luz azul. Emulsões deste tipo são usadas actualmente em trabalhos de duplicação e em artes gráficas. As emulsões usadas em fotografia até 1880 eram apenas sensíveis ao azul. Os verdes e vermelhos do assunto eram reproduzidos na prova final em tons escuros ou pretos. Os Daguerreótipos, os negativos de colódio húmido e as primeiras chapas secas de vidro tinham emulsões sensíveis ao azul. Foi o trabalho de investigação de Vogel que permitiu o fabrico de emulsões sensíveis ao azul e verde em 1882 (ortocromáticas) e ao azul, verde e vermelho em 1906 (pancromáticas).

Filtro Material transparente (geralmente vidro ou gelatina corados), que absorve selectivamente parte da luz que o atravessa. Um filtro absorve a cor complementar daquela que apresenta. Assim um filtro amarelo absorve essencialmente o azul. Um filtro cinzento, chamado de densidade neutra, absorve todas as cores por igual. Os filtros de polarização transmitem apenas a luz que vibra no sentido em que o filtro está orientado.

Filtro de Polarização Filtro que deixa passar a luz que vibra numa direcção e elimina a luz que vibra noutras direcções. Ver luz polarizada.

Fixador Tiosulfato de sódio, vulgarmente designado por hipossulfito de sódio. Utilizado para tornar os materiais fotográficos insensíveis à luz, através da dissolução dos sais de prata. As imagens fotográficas não fixadas que estejam expostas à luz continuam a escurecer até se tornarem completamente negras.

Flutuação Também designa um método de sensibilização de papel fotográfico. Consiste em fazer flutuar o papel sobre a substância sensível durante algum tempo. O papel torna-se sensível à luz por absorção da solução.

Fotogliptia Processo de impressão inventado por Walter B. Woodbury em 1864. Trata-se de um processo de impressão fotomecânico de alta qualidade, produzindo uma imagem semelhante à do processo de carvão. Foi usado na impressão de imagens em livros. A imagem sobre papel é constituída por um pigmento disperso em gelatina. O processo era o seguinte: Sobre uma placa de vidro era espalhada uma camada de colódio e depois uma camada de gelatina bicromatada. Depois de seco o conjunto era separado do vidro e exposto ao sol em contacto com um negativo. A gelatina endurecia nas zonas menos densas do negativo, formando depois da lavagem uma imagem em relevo. Esta imagem em relevo era colocada numa prensa sobre uma folha de chumbo e submetida a elevada pressão. O chumbo ganhava o relevo da gelatina, constituindo assim um molde. O molde era então colocado noutra prensa de menor pressão, era engordurado e no centro era depositada uma pequena quantidade de gelatina quente, líquida, impregnada de pigmento. Sobre a prensa colocava-se uma folha de papel e a prensa descia, pressionando o papel contra o molde e espalhando a gelatina por todo o molde até sair pelos bordos. A gelatina esfriava e endurecia, sendo depois a folha retirada da prensa e as margens do papel aparadas. Tal como nas provas em carvão a imagem era constituída por gelatina pigmentada com diferentes espessuras. Estes dois processos são difíceis de distinguir. Ambos apresentam um leve relevo, visível com luz rasante, sendo as zonas mais densas brilhantes enquanto as altas luzes são mate. Os fotogliptos foram usados quando se pretendia imprimir um elevado número de imagens em dimensões não excedendo o formato 18x24cm. A impressão em carvão foi usada quando se pretendiam tiragens menores e dimensões maiores. Outra característica de identificação é a palavra "Woodburytype" escrita no bordo da imagem. Os fotogliptos também designados woodburytipos apresentam excelente estabilidade, não amarelecendo nem perdendo vigor. Podem apresentar pequenas rachas.

Fotografia Estereoscópica Processo que cria a ilusão de relevo numa imagem fotográfica a duas dimensões. Este processo baseia-se no mesmo princípio da visão humana. Cada olho vê uma imagem ligeiramente diferente da imagem do outro olho. O cérebro percebe estas diferenças como relevo. Cada fotografia estereoscópica consiste em duas imagens da mesma cena, tiradas simultaneamente por uma máquina fotográfica com duas objectivas gémeas colocadas lado a lado. As imagens obtidas são semelhantes mas não são rigorosamente iguais, pois foram tiradas de pontos de vista ligeiramente diferentes. Depois de processadas as imagens são apresentadas de tal forma que o olho esquerdo do observador vê somente uma delas e o olho direito vê somente a outra. Há várias maneiras de se obter este resultado. Uma delas é usando um aparelho visionador chamado estereoscópio. Outra é imprimir as duas imagens com cores complementares e vê-las com óculos de lentes coloridas. As fotografias estereoscópicas foram muito populares no século XIX, constituindo um motivo de ocupação de serões em muitas famílias. Formaram-se companhias que vendiam imagens estereoscópicas de todo o mundo, tal como a London Stereoscopic Company. As imagens estereoscópicas foram comercializadas em diferentes suportes, tais como papel colado em cartão ou diapositivos em vidro, sendo por vezes coloridas à mão. Este processo foi também muito utilizado por fotógrafos amadores.

Fotomecânico Designação geral dos processos em que as matrizes de impressão são feitas por um processo fotográfico. A imagem final é impressa com tintas ou pigmentos depositados sobre o papel por meio da matriz de impressão. A imagem final nunca foi sensível à luz durante todo o processo.

Fototipo Ver COLOTIPO.

"Foxing" Formação, na superfície de um papel ou prova fotográfica, de minúsculos pontos castanhos, semelhantes a sardas, devido a elevada humidade e a detritos ferrosos ou fungos existentes no papel.

Gama Medida do contraste de um negativo, representado pela letra grega GAMA. O gama é medido pela inclinação da parte recta da curva sensitométrica. Se o gama for 1 significa que o negativo tem o mesmo contraste do original. Gama maior que 1 significa que o negativo tem mais contraste que o original e gama menor que 1 significa que o negativo tem menos contraste que o original. O gama controla-se através do tempo de revelação, aumentando com o aumento do tempo de revelação. Um negativo normal é revelado a um gama de 0,65. Outras medidas do contraste de um negativo são o índice de contraste e o gradiente.

Gama de densidades Diferença entre a densidade máxima e a densidade mínima de um negativo ou fotografia.

Gama Tonal Número de tons de cinzento que um material fotográfico é capaz de produzir entre o branco puro e o preto puro.

Gelatina Proteína natural, usada como um meio ligante dos sais de prata nas emulsões fotográficas correntes. É extraída, por vários processos, das peles e ossos do gado. Os processos de extracção têm influência considerável nas propriedades da gelatina. A gelatina usada em fotografia é altamente purificada e bastante estável, não amarelecendo com o tempo. É designada por um gel reversível porque absorve água, incha e quando seca contrai e regressa ao estado inicial. Torna-se quebradiça em ambientes muito secos. Torna-se líquida a temperaturas superiores a 30 C.

Grão Minúsculos pontos mais ou menos visíveis nas provas fotográficas ampliadas. São formados durante a revelação do negativo pela aglutinação dos halogenetos de prata em minúsculos filamentos de prata que tendem a crescer com o aumento do tempo de revelação. Confere às imagens fotográficas uma aparência arenosa. O grão torna-se mais visível quando o negativo é muito ampliado. Geralmente os filmes mais sensíveis à luz têm mais grão do que os filmes menos sensíveis.

Grau de contraste Conjunto de números (de 0 a 5) ou de termos (suave, especial, normal, duro), que referem o contraste do papel para impressão fotográfica. O papel de baixo contraste designa-se de "suave", "extra suave" ou pelos números 0 ou 1. O papel de alto contraste designa-se "duro", "extra duro" ou pelos números 4 ou 5. O papel "normal" tem os números 2 ou 3. Através dos vários graus de contraste é possível controlar o contraste da prova fotográfica. Outro processo de controle do contraste é através do uso de filtros de contraste no ampliador e de papel de contraste variável.

Hidrólise Reacção química por combinação com a água.

Higroscópico Substância capaz de absorver ou emitir água devido a alterações da humidade relativa do ar.

Humidade Relativa É a quantidade de vapor de água existente no ar, quantificada em termos de percentagem sobre a máxima quantidade de vapor de água que o ar pode conter à mesma temperatura.

Imagem Latente Alteração química que ocorre por acção da luz no filme ou no papel fotográfico, e que se transforma numa imagem por acção do revelador.

Imagem de Tons Contínuos Imagem positiva ou negativa, a cor ou a preto e branco, susceptível de apresentar qualquer valor de densidade entre a densidade máxima e a densidade mínima. Os tons mais claros ou mais escuros resultam da variação da quantidade de prata, pigmento ou corante na superfície da imagem. Exemplos são as imagens fotográficas correntes. Exemplos de imagens em tons não contínuos são as imagens de traço, como a imagem de uma página impressa, que apenas apresentam pretos puros ou brancos.

Imprimir Acção de produzir ou fixar uma imagem, por meio da luz sobre um material fotossensível. Pode-se imprimir fotograficamente a partir de um negativo, de um desenho em papel transparente, ou a partir da imagem produzida por uma lente de uma cena tridimensional. A imagem pode aparecer imediatamente ou requerer a acção de um revelador para se tornar visível. A impressão fotográfica também é designada de tiragem.

Internegativo Imagem negativa em filme feita a partir de uma transparência positiva ou negativa.

Interpositivo Imagem intermédia do processo de duplicação. Consiste numa imagem positiva em filme, feita a partir de um negativo, por contacto ou por um processo óptico. Através do interpositivo fazem-se duplicados do negativo. Este processo de duplicar negativos designa-se por duplicação em duas etapas. O internegativo apresenta um contraste reduzido, tendo geralmente um aspecto escuro.

Inversão Lateral Imagem invertida da esquerda para a direita, como num espelho. Muitos dos positivos directos, tais como os daguerreótipos e os tintipos, são invertidos lateralmente.

Lignina ou lenhina Ácido orgânico que existe naturalmente na madeira. É a principal causa da acidez do papel e é responsável, em grande parte, pela deterioração do papel. A lignina é neutralizada e removida quando a pasta de papel é fabricada por processos químicos. No fabrico mecânico de pasta de papel a lignina não é removida.

Luz Polarizada É a luz que vemos nos reflexos de superfícies brilhantes não metálicas. Resulta da natureza ondulatória da luz. As ondas de luz vibram em todas as direcções perpendiculares à direcção de propagação. As ondas de luz polarizada vibram apenas numa direcção. A luz polarizada pode ser eliminada com filtros de polarização.

Máscara Imagem transparente em filme que permite corrigir na impressão as deficiências de contraste ou cor dos negativos. São usadas para restauro de imagens que sofreram alteração de cor ou na impressão de negativos muito contrastados.

Mata-borrão Papel espesso, não encolado, que absorve água. O mata-borrão usado em conservação fotográfica deve ser fabricado com pasta de papel purificada e isenta de ácidos para evitar contaminações.

Meio Ligante É uma das camadas constituintes de uma prova fotográfica ou negativo, que contém em suspensão e protege os grãos de prata da imagem fotográfica. O material utilizado actualmente como meio ligante é a gelatina. No século XIX a albumina e o colódio foram igualmente utilizados. O meio ligante desempenha um papel importante na formação da imagem, devendo ser permeável aos banhos de processamento sem se dissolver neles. O material usado como meio ligante e o seu acabamento é determinante nas propriedades ópticas da prova fotográfica, tais como textura, brilho e em certa medida cor.

Metil Celulose Adesivo em pó, granuloso, que se dissolve em água. Apresenta fraco poder ligante, seca lentamente, é flexível, facilmente removível com água, e pode ser conservado durante meses após a preparação. É usado para efectuar pequenas reparações em papel quando não é necessária uma ligação muito forte.

Negativo Imagem que contém as densidades invertidas em relação ao original. As zonas claras do original são traduzidas por elevadas densidades e as zonas escuras são transparentes ou apresentam baixas densidades. Tratando-se de um negativo a cores, estas são reproduzidas através da sua cor complementar, o verde do original aparece magenta no negativo, o azul aparece amarelo e o vermelho aparece cian. Os negativos geralmente são transparências, em filme ou vidro, para impressão.

Negativo em Albumina Processo negativo em vidro inventado por Niépce de Saint Victor em 1848. O vidro era coberto com albumina contendo iodeto de potássio e sensibilizado com nitrato de prata. As chapas eram pouco sensíveis à luz, mas apresentavam uma excelente definição. O processo foi utilizado durante algum tempo em fotografia de paisagem, mas acabou por ser rapidamente suplantado pelo colódio húmido que era muito mais sensível à luz.

Negativo de Cópia Negativo resultante de se fotografar um original a duas dimensões, em base opaca, (papel, cartão, tela), tal como um mapa, uma fotografia, um desenho ou uma pagina de texto.

Negativo Duplicado Réplica exacta de um negativo, feito a partir de um negativo original. Pode ser feito por um processo óptico, ou por contacto e pode ser feito quer directamente quer indirectamente. Para a duplicação directa utiliza-se filme reversível de duplicação directa. No processo indirecto, ou processo em duas etapas, o filme usado é filme negativo. Na primeira etapa faz-se um interpositivo e na segunda etapa, a partir do interpositivo, faz-se o duplicado do negativo.

Negativo Original Negativo que foi exposto na máquina fotográfica e com o qual são feitas provas originais.

Negativo em Papel Bastam Processo introduzido no mercado em 1883 pela Eastman Kodak. Tratava-se de um papel de brometo de prata com sensibilidade suficiente para ser exposto numa câmara fotográfica e ser usado como negativo. O papel era revelado e depois untado com óleo para aumentar a sua transparência na impressão das provas. Foi comercializado durante apenas três anos, em vários formatos não maiores do que 127mm X 109mm.

Negativos de Separação de Cor Conjunto de três negativos, expostos através de filtros verde, encarnado e azul, que analisam a cena ou objecto fotografado em termos do seu conteúdo cromático. Usados em certos processos de impressão a cores tais como nas provas em transferência de cor e carvão a três cores. Também usados para registar a longo prazo imagens a cores de permanência fugidia.

Nitrato de Celulose Primeiro plástico existente, introduzido na indústria fotográfica em 1887 como suporte da película em rolo (Eastman Kodak). Foi produzido, em inúmeros formatos, para suporte de película de cinema, e a partir de 1913 para suporte de película rígida. É extremamente inflamável tendo sido, por esta razão, retirado do mercado nos anos 50. Originou numerosos incêndios, sobretudo em salas de cinema e em hospitais (em armazéns de películas de raio X). Deteriora-se facilmente e os vapores que liberta deterioram os filmes vizinhos e oxidam a prata das imagens. Liberta bióxido de azoto que reage com a água formando ácido nítrico (especialmente em ambientes de elevada humidade relativa). Passa pelas seguintes fases de deterioração:

1. Torna-se amarelo acastanhado, com manchas e a imagem perde vigor.
2. A emulsão torna-se pegajosa e adere a outros filmes ou ao papel do envelope.
3. Formam-se bolhas de ar no suporte, com libertação de um cheiro a ácido nítrico.
4. Torna-se mole, cola aos filmes adjacentes e cobre-se de uma espuma viscosa.
5. Degenera completamente ou parcialmente num pó ácido, acastanhado.

Os negativos em nitrato, bem como os filmes, devem ser separados da colecção e guardados em local ventilado, seco e frio, enquanto aguardam duplicação. Os negativos em nitrato apresentam por vezes a palavra "nitrate" impressa mecanicamente na margem, o que constitui uma boa pista de identificação. Um duplicado de um original em nitrato feito em filme "safety", vai também apresentar a palavra "nitrate" na margem que passou para o filme "safety" na duplicação. É possível neste caso distinguir o filme "safety" do nitrato porque a palavra "Nitrate" é uma imagem fotográfica e não uma impressão mecânica como no original. Existem vários testes para identificação do nitrato, sendo o mais vulgar o teste da flutuação. Trata-se de um teste destrutivo, só devendo ser usado em casos de dúvida e por técnicos treinados para o fazer.

Observação (em conservação) Determinação dos materiais e da estrutura original de uma imagem fotográfica e avaliação da deterioração sofrida pela imagem e suporte.

Ortocromático Material fotográfico sensível apenas à luz azul e verde. Não é sensível ao vermelho. Os filmes e papéis ortocromáticos também se designam por isocromáticos

Oxidação No sentido restrito é uma reacção química de combinação com o oxigénio, convertendo um elemento num óxido. No sentido mais lato da palavra refere qualquer reacção química que envolva a perda de um electrão. Um exemplo: a prata metálica das imagens fotográficas pode perder um electrão, convertendo-se num ião de prata positivo, que é transparente, móvel e altamente reactivo. Esta reacção é fundamental na deterioração das imagens fotográficas:

- Por ser transparente o ião de prata deixa de contribuir para a imagem. Consequentemente as imagens oxidadas perdem vigor e os pormenores das zonas mais claras desaparecem.
- Sendo móvel o ião de prata, este desloca-se para a superfície, onde pode recuperar o electrão perdido tornando-se de novo visível. Consequentemente as imagens oxidadas apresentam na superfície zonas brilhantes, cor de chumbo, chamadas espelho de prata. A espelhagem aparece frequentemente nos cantos e margens por onde a humidade penetra inicialmente.

- Sendo reactivo o ião de prata combina-se com o enxofre residual do processamento formando sulfuretos e originando manchas amarelas.

A oxidação da prata não tem efeitos significativos em objectos de prata, mas apenas em partículas de dimensões microscópicas. A oxidação é provocada por agentes oxidantes dos quais são particularmente importantes o dióxido de azoto, o ozono e o peróxido de hidrogénio. Estes agentes oxidantes têm origem na poluição atmosférica, nos cheiros e vernizes e tintas, no trabalhar de maquinaria eléctrica (como as fotocopiadoras), na madeira e nos cartões de má qualidade etc. Basta existirem numa quantidade muito pequena para desencadearem a oxidação. A oxidação é retardada fazendo baixar a humidade relativa do ar.

Ozono Gás composto por três átomos de oxigénio. É um agente oxidante que se encontra na atmosfera.

Pancromático Material fotográfico sensível a todas as cores do espectro visível.

Papel fotográfico Material constituído por fibras de celulose, usado como suporte das provas fotográficas. Quando a fotografia começou, em 1840, o papel fotográfico era feito à base de trapo de algodão e linho, sendo de alta qualidade e durabilidade. O papel fotográfico produzido industrialmente é feito à base de pasta de papel purificada, é isento de lignina e outros ácidos, encontrando-se entre os produtos mais puros e duráveis da indústria de papel. O papel expande quando húmido e torna-se seco e frágil quando seco. A luz e as radiações ultravioleta, quebram as fibras de celulose, amarelecendo o papel e tornando-o frágil. Temperatura e humidade relativa elevadas têm também uma acção deteriorante, tornando-o frágil, amarelo e provocando o aparecimento de bolores e outros micro organismos.

Papel Barreira Papel colado, usado para evitar contaminações ácidas entre dois materiais, tais como cartão de má qualidade e uma prova fotográfica. Na ausência de cartões de boa qualidade, pode-se usar temporariamente o papel barreira para forrar o interior de caixas de cartão destinadas a guardar fotografias.

Papel encolado Papel revestido com cola. A cola preenche os poros e torna o papel menos permeável à água e à tinta, conferindo-lhe também certas características de superfície como brilho, macieza, textura, etc. A cola utilizada pode ser gelatina, resina, cola animal, amido ou resinas sintéticas. O papel fotográfico utilizado na maior parte dos processos é colado antes de ser sensibilizado.

Papel Colodionado Papel fotográfico que utiliza o colódio como meio ligante dos sais de prata. Foi muito utilizado no fim do século, tanto com um acabamento brilhante de tons quentes, como com um acabamento mate de tons neutros (virado a ouro e platina). O papel de colódio pode ter um brilho considerável e risca-se facilmente.

Papel Directo Papel fotográfico capaz de formar uma imagem directamente da exposição à luz, sem necessitar de revelação. Exemplos de papéis directos são as fotografias em albumina e os papéis directos de colódio e gelatina utilizados no século XIX e início do século XX. Também é chamado de papel de imagem aparente. A prata do papel directo apresenta-se sob a forma de minúsculas partículas esféricas de tamanho muito inferior aos grãos e filamentos de prata do papel para processamento.

Papel Directo de Gelatina-Cloreto de Prata Inventado em 1882 por Abney. A emulsão continha cloreto de prata e nitrato de prata, produzindo uma imagem visível durante a exposição. Em 1896 Schoenfelder e Mehle introduziram na emulsão cloreto de ouro, criando um papel que virava a ouro por si mesmo, de cor castanha chocolate. O papel de gelatina cloreto tornou-se extremamente popular no final do século XIX, na impressão de retratos, tendo decrescido em popularidade a partir dos anos 10, com o aparecimento dos negativos miniatura que requerem ampliação. O papel de gelatino-cloreto tinha fraca sensibilidade à luz, não permitindo ampliações. As provas eram impressas à luz do sol em prensas de impressão, em contacto com o negativo.

Papel Gelatinado Papel coberto por uma camada de gelatina. As provas fotográficas em papel gelatinado têm os grãos de prata dispersos na camada de gelatina. A designação "papel gelatinado" engloba inúmeros papéis fotográficos, tais como papéis directos, papéis de revelação, papéis plastificados, a cores e a preto e branco.

Papel de Gelatina-Brometo de Prata Papel de impressão fotográfica, foi introduzido em 1875, e produzido até hoje por vários fabricantes. Trata-se do papel corrente de ampliação usado actualmente. É produzido em vários contrastes, cores, superfícies e espessuras. Usa sais de brometo de prata com algum iodeto de prata como material sensível. Apresenta tons negros puros e pode ser virado por vários processos. Exemplo: Agfa Brovira, Ilfobrom, Kodak, Elite.

Papel de Gelatina-Cloreto de Prata Papel de impressão fotográfica inventado em 1881 por Eder e Pizzighelli. A emulsão era constituída por cloreto de prata e gelatina, sem nitrato de prata. Era usado para provas de contacto. Produzia uma imagem latente quando exposto à luz de gás, sendo depois revelado e fixado. A imagem final era preta, levemente azulada. Foi comercializado até 1960, em vários contrastes e espessuras. O nome "Velox" tornou-se numa das mais populares marcas. Também designado por papel para luz de gás.

Papel de Gelatina-Cloro Brometo de Prata Papel de impressão fotográfica, gelatinado, comercializado a partir de 1883 e produzido até hoje. A cor da imagem pode ser controlada através da revelação variando entre o castanho e o negro. Exemplos: Agfa Portriga Rapid e Record Rapid, Forte Porturex Rapid.

Papel "Glassine" Papel semi-transparente, lustroso, macio, impermeável ao ar, utilizado na construção de envelopes para guardar negativos. Geralmente é ácido e higroscópico. Não é muito aconselhado pelos conservadores como material para arquivo de fotografias por apresentar características ácidas e aderir facilmente à emulsão em condições de elevada humidade relativa.

Papel para Processamento Designação que engloba todos os papéis fotográficos correntes e que, ao contrário dos papéis directos, não formam uma imagem durante a exposição à luz, necessitando de revelação para que a imagem se possa formar. São também designados por papéis de imagem aparente.

Papel Não Ácido Papel utilizado em conservação que apresenta um pH neutro (7.0), ou próximo do neutro. Este tipo de papel pode ser fabricado a partir de trapo de algodão ou linho, ou a partir de pasta de madeira purificada quimicamente.

Passepartout com Costas Embalagem protectora para provas fotográficas e outros objectos planos. É geralmente formada por um par de cartões ligados ao longo do lado maior por uma fita

adesiva, flexível e resistente, que actua como dobradiça. Em geral o cartão da frente tem uma abertura ou janela que permite ver a fotografia sem abrir o artefacto. O cartão traseiro é inteiriço. A prova fotográfica pode estar colada ao cartão traseiro, ou presa apenas pelos cantos, ou suspensa por charneiras. O cartão da janela pode cobrir as margens ou não, dizendo-se então que a prova flutua.

Película Fotográfica Material sensível à luz, constituído por uma emulsão de gelatina e brometo de prata sobre um suporte transparente e flexível de plástico. As películas para fotografia são comercializadas actualmente nos seguintes formatos: rolo coberto a papel opaco de 60mm, película perfurada de 35mm, película perfurada de 16mm (formato 110), película rígida nos formatos 6X9cm, 9X12cm, 13X18cm 18X24cm, 4"x5", 5"x7", 8"x10" e maiores. Muitos outros formatos existiram desde que as películas fotográficas foram introduzidas no mercado.

pH Medida de acidez de uma solução

pH neutro 7.0 na escala de pH. São neutras as substâncias que não apresentam características ácidas nem alcalinas. Os papéis e cartões para arquivo de materiais fotográficos devem apresentar um pH próximo do neutro.

Pigmento Material que dá cor. Utilizado em alguns processos fotográficos como na goma bicromatada e nas provas em carvão. Os pigmentos são insolúveis na água e permanecem à superfície dos materiais onde são aplicados. São muito resistentes à luz e conferem às provas fotográficas uma estabilidade notável.

Plastificante Produto químico que se adiciona a certos materiais para lhes aumentar a flexibilidade. Utilizado no fabrico de película fotográfica.

Platinotipo Processo de impressão fotográfica, inventado por Willis em 1873 e utilizado entre 1880 e 1930. As provas em platina têm uma imagem de tons neutros suaves, com uma gama de cinzentos riquíssima. O processo utiliza a fotosensibilidade do oxalato férrico, que se transforma em oxalato ferroso sob a acção da luz solar. Esta substância tem o poder de reduzir um composto de platina em platina metálica, formando uma imagem, que é fixada em ácido hidrocloreídrico diluído. A imagem de uma prova em platina é composta por platina ou paládio altamente divididos, embebidos nas fibras de papel. O papel não é colado e o processo não usa meio ligante. As provas em platina identificam-se pelos tons suaves e neutros da imagem, pelo facto da imagem assentar directamente sobre as fibras de papel e pelo facto da imagem não perder vigor nem cor. Outra característica das provas em platina é o amarelecimento do papel do suporte ou do papel do invólucro da fotografia por acção da platina sobre o papel. Este processo utilizado em retrato de alta qualidade e em fotografia artística, foi considerado o mais luxuoso e requintado no início do século XX, tendo a sua cor e textura sido imitados por vários fabricantes de papel fotográfico de sais de prata. Devido ao aumento do preço da platina durante a primeira Guerra Mundial a sua utilização decaiu a partir de 1914. As provas em platina ou paládio apresentam excelentes características de conservação.

Polaridade Característica de uma imagem de ser ou positiva ou negativa. Algumas imagens apresentam inversão de polaridade (negativos), outras mantêm a polaridade (diapositivos) da cena original. Os Daguerreótipos são bipolares, ou seja podem ser positivos ou negativos conforme o tom da superfície que reflectem.

Poliéster Material plástico, transparente, flexível composto de teraftalato de polietileno. Comercialmente tem os nomes de Mylar, Melinex e Scotchpar. A designação da Kodak para o

poliéster é Esthar, e a designação da Dupont é Cronar. Foi introduzido na indústria fotográfica em 1955. Se não tiver aditivos ou revestimentos é quimicamente neutro. É utilizado como suporte de microfilme, película rígida, filme de raio-X, película de fotografia aérea, película de artes gráficas e película de cinema profissional. As principais características do poliéster são a sua reduzida absorção de água, grande resistência, excelente estabilidade dimensional e grande rigidez (quando comparado com o triacetato). Não é usado correntemente como suporte de película fotográfica de 35mm porque retém a posição de enrolado, mesmo depois do processamento. É um excelente material para construção de embalagens transparentes para arquivo de negativos e fotografias. Pode-se distinguir do triacetato de celulose por ser muito mais difícil de rasgar, por produzir um som metálico quando abanado e produzir um padrão de cores em arco-íris quando visto à transparência através de filtros de polarização cruzados.

Polietileno Termoplástico quimicamente inerte, translúcido, com baixa temperatura de fusão. Considerado adequado como material de embalagem de arquivo desde que não tenha aditivos ou revestimentos.

Pontos Vermelhos Minúsculos pontos coloridos (vermelhos a amarelados), que podem aparecer ao fim de algum tempo nos negativos e microfilme. São causados pela oxidação da prata e resultam do depósito de minúsculas partículas de prata coloidal. O seu aparecimento está ligado à presença de agentes oxidantes nos cartões das caixas de embalagem.

Positivo Imagem em que os tons ou densidades não se encontram invertidos em relação ao objecto original, ou seja o que é escuro no original aparece escuro na fotografia e o que é claro no original aparece claro na fotografia.

Positivos em Colódio ver AMBRÓTIPO

Previsão de Arrhenius Previsão do tempo de deterioração de uma fotografia a cores através do comportamento das cores em condições de elevada temperatura e humidade relativa.

Processamento para fins de arquivo Processamento a preto e branco onde se incluem certos tratamentos com o fim de prolongar a vida das provas em papel ou de negativos. Estes tratamentos são a fixarem em dois banhos, a utilização de um auxiliar de lavagem (geralmente o sulfito de sódio), a lavagem e a viragem da prata a selénio ou a enxofre.

Processo Fotomecânico por Redes de Ponto Processo para imprimir fotomecânicamente imagens de tons contínuos. O processo converte uma imagem de tons contínuos num padrão de pontos de tinta de tamanho variável, criando a ilusão de gradações de tons. Os pontos maiores correspondem às zonas escuras da imagem e os pontos menores correspondem às zonas mais claras da imagem. Os pontos de tamanho intermédio correspondem aos vários meios-tons da imagem. Este processo é usado correntemente para reproduzir fotografias em revistas e jornais, tanto a cor como a preto e branco.

Processo de Cores Aditivo Sistema de formação de imagens fotográficas a cores pela sobreposição óptica de três imagens monocromáticas (uma delas verde, outra vermelha e outra azul). A sobreposição pode ser feita por projecção (com três projectores), ou por visionamento directo num aparelho em que as três imagens apareçam sobrepostas. Também são aditivos os processos que utilizam uma imagem monocromática sobreposta a um écran de minúsculos pontos com as três cores elementares. Estes pontos não são resolúveis pelo olho humano

quando vistos à distancia, fundindo-se e dando a ilusão das cores reais. Um exemplo é o Auto crome.

Prova em Albumina Inventado por Blanquart Evrard em 1850, a albumina foi o processo de impressão mais popular até ao final da década de 1880. O seu nome deriva da utilização da clara do ovo (albumina) como meio ligante dos sais de prata. O processo consistia no seguinte: Uma folha de papel de boa qualidade era posta a flutuar sobre uma solução de albumina e cloreto de sódio até embeber. Depois de seco o papel era sensibilizado em nitrato de prata, obtendo-se cloreto de prata. Também se vendia papel já albuminado, que os fotógrafos sensibilizavam. A impressão era feita ao sol por contacto com o negativo numa prensa de impressão. A exposição podia durar minutos até uma hora ou mais. Era possível inspeccionar a evolução da imagem durante a impressão pois trata-se de um papel directo. Depois, a prova era lavada, virada a ouro e fixada. As provas em albumina apresentam uma cor quente, variável entre o castanho chocolate e o púrpura. A superfície é moderadamente brilhante a muito brilhante. As provas deterioram-se facilmente. A albumina amarelece com a humidade, a luz e quando em contacto com cartões de má qualidade, dando à prova uma tonalidade característica nas zonas mais claras. A tonalidade púrpura da imagem passa gradualmente a castanho e depois a amarelo. Os pormenores mais claros da fotografia vão apagando gradualmente, podendo a imagem desaparecer totalmente. As imagens apresentam frequentemente pequenas rachas. As provas em albumina devem ser conservadas em ambientes secos e no escuro. Aconselha-se que a sua exibição seja feita à luz de tungsténio e por um período de tempo limitado.

Prova em Bromólio Processo de impressão fotográfico inventado por Edward J. Wall em 1907 e introduzido no mesmo ano em Inglaterra por Welbourn Piper. A imagem é constituída por uma camada de gelatina impregnada de tinta de óleo. O ponto de partida é uma prova fotográfica em papel de brometo de superfície não revestida. A prova é branqueada numa solução contendo bicromato de potássio, que simultaneamente endurece a gelatina nas zonas de imagem. Depois é lavada, fixada, lavada de novo e colocada sobre um vidro ainda húmida. Nesta fase a imagem é invisível, e as zonas endurecidas da gelatina correspondem às zonas mais escuras da prova inicial. A tinta de óleo é aplicada com um pincel sobre a prova humedecida. A gelatina que não endureceu apresenta-se inchada, cheia de água, e repele a tinta de óleo, porque óleo e água não se misturam. A gelatina endurecida recebe o óleo proporcionalmente ao endurecimento sofrido, formando-se uma imagem. O processo permite grande controle de tons e de cor ou cores. A prova em bromólio podia ser transferida para outro papel de suporte com a consequente inversão lateral da imagem. O papel de brometo original, que apresentava uma superfície macia e não revestida, já não se fabrica. É possível imprimir neste processo usando alguns papéis não brilhantes ou usando papel plastificado.

Prova em Carvão Processo de impressão aperfeiçoado por Swan em 1864, e utilizado até 1940. Uma folha de gelatina impregnada de pó de carvão era sensibilizada com dicromato de potássio e exposta ao Sol, em contacto com o negativo. A gelatina bicromatada endurecia sob o efeito da luz, tornando-se insolúvel na água. Depois a prova era revelada em água, que dissolvia a gelatina não endurecida, fazendo aparecer uma imagem positiva. A folha de gelatina era então transferida para um papel de suporte e seca. Outros pigmentos foram utilizados para além do carvão, para provas de cor. As provas de carvão distinguem-se por um leve relevo que acompanha as linhas da imagem, sobretudo nas zonas de separação entre claros e escuros. Composta apenas por carvão e gelatina, a imagem apresenta uma extraordinária estabilidade, não desaparecendo ou perdendo vigor com o tempo. Esta é outra característica de identificação das provas em carvão.

Prova Carvão-Brometo Processo de impressão, criado por Thomas Manly em 1905, e utilizado até 1940. A imagem era constituída por pigmento e gelatina e podia ser tão ampliada quanto se desejasse. A impressão era feita por contacto entre uma folha de gelatina pigmentada, impregnada de um banho de dicromato de potássio-branqueador e uma ampliação fotográfica em papel de gelatina brometo (previamente exposta e revelada). Deste contacto resultava o branqueamento da imagem de prata e simultaneamente o endurecimento da gelatina pigmentada. A prata da prova fotográfica actuava pois como um catalisador de uma reacção química, não sendo utilizados neste processo de impressão substâncias fotossensíveis. A gelatina era então transposta para um papel de suporte. Na revelação (em água), a gelatina não endurecida era removida, fazendo aparecer os tons mais claros da imagem. O pigmento podia ser de qualquer cor. A prova final era em tudo semelhante à obtida pelo processo carvão, não sendo possível distingui-los a não ser pela qualidade óptica (inferior) da imagem ampliada. Foi usado para impressão de imagens a cores, através da sobreposição de gelatinas pigmentadas de azul-verde, amarelo e vermelho.

Prova em Colódio Mate Prova em papel de impressão fotográfica directo, de superfície mate e cor variável conforme a viragem. A imagem de prata sobre colódio está assente numa camada de barita muito fina que deixa ver as fibras de papel. Era impressa por exposição ao Sol, em contacto com o negativo. Podia ser virada a ouro tornando-se castanho, mas a maior parte dos fotógrafos optavam pela dupla viragem a ouro e platina, obtendo uma cor final neutra. Este processo é muito estável e as imagens em geral encontram-se em bom estado de conservação. A dupla viragem torna as imagens muito resistentes, não perdendo a cor ou o vigor, nem amarelecendo. A forma de deterioração mais vulgar é a superfície riscada. O papel colodionado mate tornou-se extremamente popular na última década do século XIX na impressão de retratos. Foi abandonado nos anos 20 em favor dos papéis de revelação.

Prova de Contacto Prova fotográfica feita por exposição do material sensível à luz, em contacto directo com o negativo. A imagem da prova de contacto é do mesmo tamanho do que a imagem do negativo.

Prova Fotográfica Designação geral que engloba todas as imagens positivas em papel, opacas, impressas por acção da luz sobre uma substância fotossensível, a partir de um negativo ou positivo transparente.

Prova a óleo Processo de impressão introduzido por G. E. H. Rawlins em 1904. Baseia-se na sensibilidade luminosa da gelatina bicromatada. Papel gelatinado era sensibilizado com dicromato de potássio e depois de seco era exposto ao sol em contacto com o negativo. A gelatina bicromatada endurecia proporcionalmente à quantidade de luz recebida. O papel era depois lavado para eliminar o dicromato de potássio. Nas zonas menos endurecidas, correspondentes às altas luzes e meios-tons, a gelatina absorvia água e inchava. A imagem formava-se por aplicação de tinta a óleo, com um pincel verticalmente. Esta aplicação requeria treino. As zonas mais inchadas e húmidas repeliam a tinta. As zonas endurecidas, correspondentes às sombras e meios-tons, recebiam a tinta. A imagem podia ser transferida para outro papel de suporte por meio de uma prensa. O processo apresenta excelente estabilidade.

Prova Original Prova fotográfica feita a partir do negativo original e datando do período em que a fotografia foi tirada.

Prova em Papel Salgado Processo de impressão fotográfica, inventado por Talbot em 1839. A imagem, encarniçada, é composta por prata altamente dividida, embebida nas fibras de papel. O nome provém do banho inicial em água salgada, dado ao papel antes da sensibilização no nitrato de prata. Desta operação resulta um composto de cloreto de prata, moderadamente sensível à luz, capaz de formar uma imagem negativa, visível, sem revelação. Depois de exposta a imagem podia ser virada a ouro. Era fixada em hipossulfito de sódio. Foi utilizado na produção de desenhos fotogénicos durante os primórdios da fotografia e como material de impressão no processo de calotipia.

Prova em Prata Gelatinada Designação que engloba todas as imagens fotográficas em papel que utilizam a gelatina como meio ligante e a prata como material formador da imagem. Inclui provas em papel directo e papel de revelação. As provas fotográficas contemporâneas a preto e branco são deste tipo.

Restauro Acção de travar e recuperar a deterioração de uma imagem fotográfica, tornando-a mais próxima do seu estado original do que aquele em que se encontra. Pode abranger aspectos diversos visando a cor, forma, apagamento de manchas, etc. Não deve falsificar o conteúdo estético ou histórico das imagens. Só deve ser empreendida por conservadores especializados e treinados para o fazer.

Reticulação Enrugamento da superfície de uma imagem fotográfica, geralmente devido a saltos bruscos na temperatura das soluções de processamento. Pode variar entre uma estrutura larga e visível até um padrão quase invisível, que se torna aparente na ampliação.

Revelação Cromogénia Sistema de formação da cor nos processos fotográficos contemporâneos. Este sistema foi descoberto por R. E. Liesegang em 1895 e B. Homolka em 1907. O uso de acopladores de cor foi patenteado por Rudolph Fischer em 1912 e 1914. Os corantes amarelo, cian e magenta, constituintes da imagem a cor, são formados durante a revelação cromogénia por reacção química do revelador oxidado com acopladores de cor existentes na emulsão ou no banho revelador. No processo de revelação cromogénia a primeira reacção dá-se entre os sais de prata e o revelador, formando-se prata metálica e revelador oxidado. A segunda reacção dá-se entre o revelador oxidado e os acopladores de cor formando-se corante. A prata é eliminada num banho posterior e a imagem final é constituída apenas por corantes. Os acopladores de cor não usados permanecem invisíveis na emulsão. A maioria dos processos fotográficos a cor contemporâneos usa revelação cromogénia para formação de cor. Exemplos: Filmes diapositivos Ektachrome, Kodachrome, Agfachrome, Fugichrome, filmes negativos Kodacolor, Vericolor, Fugicolor, Agfacolor e o papel de impressão a cor Ektacolor. A revelação cromogénia é também usada em alguns processos a preto e branco que não têm prata na imagem final, tais como o Agfapan Vario XL e o Ilford XP1 400.

Revelador Solução contendo um agente redutor que transforma os halogenetos de prata em prata metálica, tornando visível a imagem latente.

Reverso do Passepartout A parte de trás do passepartout, feita de uma peça inteira de cartão, e onde assenta a fotografia.

Sulfuração Forma de deterioração das imagens de prata por reacção da prata com enxofre formando sulfureto de prata. A reacção ocorre com o enxofre residual do processamento das provas. Este resulta ou de uma lavagem insuficiente ou da utilização de fixador exausto. A sulfuração começa por um amarelecimento das zonas mais claras da imagem, desaparecimento

de pormenores e amarelecimento gradual da imagem. Quando a sulfuração é causada por fixador exausto observa-se também o aparecimento de manchas nas zonas brancas da imagem. Estas manchas são de sulfureto de prata, da prata não removida na fixagem.

Suporte Em fotografia é o material sobre o qual uma emulsão fotográfica é aplicada. O suporte tradicional das imagens fotográficas é o papel (para as provas) ou o plástico (para os negativos e transparências). Ao longo da história da fotografia muitos outros materiais foram utilizados para suporte tais como vidro, cobre, ferro, pano, cabedal e loiça.

Tampão Substância que serve para manter constante o pH de uma solução ou de um material. Exemplos: o sulfito de sódio e carbonato de sódio (usados nos reveladores); o carbonato de cálcio (usado como tampão em cartões e papéis de conservação).

Tintipo Este processo é uma variação do positivo em colódio (ambrótipo). Introduzido em 1856, simultaneamente em Inglaterra por Kloeber e nos Estados Unidos por Hamilton Smith, veio a ganhar popularidade durante a Guerra Civil nos EUA por ser muito barato. O suporte era uma placa de ferro pintada a tinta de esmalte preta ou castanha de dimensões e forma variável, cortada pelo próprio fotógrafo. Depois de coberta com colódio e sensibilizada em nitrato de prata, a placa era exposta numa câmara fotográfica e revelada enquanto húmida, para aproveitar a permeabilidade do colódio húmido. Embora se trate de um processo negativo o resultado final é um positivo, pois o fundo preto da placa e a cor esbranquiçada da imagem do colódio produzem uma inversão de tons. Trata-se de uma imagem única, sem negativo. Os tintipos eram colados num cartão, ou conservados dentro de um álbum ou num estojo. A imagem apresenta baixo contraste, sendo as altas luzes de cor leitosa. Deterioram-se se forem dobrados porque o esmalte estala e o ferro desprotegido cria ferrugem.

Transferência de Cor Processo de impressão a cores, inventado nos anos 40 por Conday. Requer a utilização de três negativos de separação de cor. Estes podem ser gerados com uma máquina fotográfica, ou a partir de um negativo a cor ou diapositivo a cor. Cada um dos três negativos é então impresso num filme chamado matriz. As três matrizes são reveladas num revelador endurecedor, formando-se imagens a preto e branco. Seguidamente a prata é branqueada e a gelatina endurece. A gelatina não endurecida correspondente às altas luzes é removida por lavagem. A matriz do negativo correspondente ao encarnado é então mergulhada num banho contendo corante cian, absorvendo o corante na proporção da espessura da gelatina. Depois é lavada e colocada em contacto com uma folha de papel de suporte, que absorve o corante. O processo é repetido com as outras duas matrizes, usando corante amarelo para a matriz correspondente ao negativo do azul e usando corante magenta para a matriz correspondente ao negativo do verde. Da sobreposição destas três imagens resulta a cor final. As imagens em transferência de cor encontram-se entre as imagens mais estáveis dos processos a cor existentes. Foram muito usadas nos anos 40, tendo o seu uso decaído com o aparecimento dos processos fotográficos cromogénios. Hoje usa-se este processo em fotografia artística e também quando se deseja uma imagem de longa duração.

Transparência em colódio Positivo em vidro, impresso através de um negativo por um dos processos de colódio seco. Distingue-se das transparências em gelatina pela cor creme da imagem. Foi usado de finais dos anos 1850 até à década de 1880, sobretudo na produção de transparências estereoscópicas. Foi também usado na produção de minúsculos retratos para joalharia.

Transparência fotográfica Imagem fotográfica positiva, a cor ou a preto e branco, que pode ser vista directamente ou por projecção, sendo a luz transmitida através da imagem. O suporte pode ser vidro ou plástico. As transparências são geralmente designadas por diapositivos e são utilizadas para projecção, ou para reprodução fotomecânica.

Triacetato de Celulose Material plástico, flexível, transparente, que é utilizado como suporte de película fotográfica. O triacetato de celulose foi introduzido na indústria fotográfica em 1949 para substituir o nitrato de celulose, que é inflamável. Actualmente é utilizado como suporte de película de cinema profissional e amador, como suporte de película rígida, microfilme e película para rolos de fotografia de amador. O triacetato de celulose e o poliéster são também designados como "safety film", por não serem inflamáveis. O triacetato de celulose também é utilizado na construção de embalagens de arquivo para negativos e fotografias. Ver POLIESTER para distinção destes dois tipos de suporte.

Ultra violeta Radiação invisível, de comprimento de onda muito curto, que no espectro cromático se encontra para além da cor violeta. A maioria dos materiais fotográficos são sensíveis às radiações ultravioleta.

Vidro Acrílico Plástico de metacrilato de polimetil usado frequentemente em molduras no lugar do vidro. Comercializado sob vários nomes, entre os quais Plexiglas, Lucite, Crylux e Acrylite.

Viragem Transformação química, total ou parcial, da prata de uma imagem fotográfica num sal de prata, tal como o sulfureto de prata ou o selenato de prata. A viragem é quase sempre acompanhada de uma alteração de cor. Pode também consistir na substituição de alguns tomos de prata por tomos de outro metal tal como o ouro ou a platina. As viragens foram utilizadas desde os primeiros tempos da fotografia. Em geral produzem imagens de maior estabilidade. Compostos de prata tais como o selenato de prata ou o sulfureto de prata tem maior resistência à oxidação do que a prata no estado metálico. As viragens são usadas actualmente em fotografia artística, e quando se pretende uma imagem de longa duração.

Woodburitipo O mesmo que FOTOGLIPTIA.